

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECADI
III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2014-2015.

REDESCOBRINDO-SE CIDADÃO POR MEIO DA INCLUSÃO TECNOLÓGICA E DIGITAL

JAUQUELINE PATRICIA FERNANDES OLIVEIRA

PROFESSOR ORIENTADOR EDEMIR JOSE PULITA
TUTORA ORIENTADORA INDIRA VANESSA PEREIRA REHEM

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA/DF.
NOVEMBRO/2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECADI
III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2014-2015

JAQUELINE PATRICIA FERNANDES OLIVEIRA

REDESCOBRINDO-SE CIDADÃO POR MEIO DA INCLUSÃO TECNOLÓGICA E DIGITAL

Trabalho de conclusão do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA /2014- 2015, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

PROFESSOR ORIENTADOR: EDEMIR JOSE PULITA

TUTORA ORIENTADORA: INDIRA VANESSA PEREIRA REHEM

AVALIADORA EXTERNA: ANGELA MARIA FARIA

BRASÍLIA/DF.
NOVEMBRO/2015.

AGRADECIMENTOS

Pela força, coragem e luz advindas de Deus;

Pela persistência da Ana Cristina Alves e Elaine Pessôa, em me fazer inscrever nessa pós-graduação;

Pelo sorriso e brilho no olhar (motivação) da Isabella e do Eduardo, quando fui selecionada;

Pelo apoio do Paulo Sérgio;

Pelo acolhimento e legado Freiriano do Elias Silva Araújo;

Pela crença no meu potencial, vibração e incentivo da família e amigos;

Pela competência e paciência da tutora e do orientador.

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a Fé.
(2 Timóteo: 4.7)

RESUMO

A proposta desse projeto surgiu diante de diversas discussões das experiências dos educandos no primeiro segmento da EJAT nas atividades da Casa Paulo Freire. Diante de um diagnóstico realizado pôde-se contextualizar e perceber que muitos deles não tinham acesso direto ou indireto às ferramentas tecnológicas. Esse público, que já é excluído decorrente de variáveis sócio - cognitivas, tem revelado suas dificuldades em entender e lidar com situações simples no uso de eletrodomésticos como TV digital, computador, celular, caixas eletrônicos de instituições financeiras, o que aumenta a exclusão. Por isso, é de suma importância possibilitar a inclusão tecnológica e digital. As questões decorrentes da globalização e da tecnologia alteram, principalmente na EJA, as relações tradicionais de ensino, pois precisamos prepará-los para o trabalho daí a necessidade de diversificação de estratégias pedagógicas e de aprendizagem como forma de trabalhar além de palavras e sentidos, a utilização de recursos tecnológicos. A qualificação para o trabalho e o acesso às informações como instrumento de motivação para a adaptação não só da autoaprendizagem, mas também, visando o atendimento às oportunidades em diversas áreas como empregos, cursos, lazer e cultura, ou seja, incluir tecnológica e digitalmente, por conseguinte, socialmente. Sentir-se incluídos em todas as situações cotidianas para ampliação dos direitos sociais, pode-se dizer, significa a reconstrução da identidade cidadã.

Palavras chave: educação de jovens e adultos, trabalho, ferramentas tecnológicas, aprendizagem, cidadania.

ABSTRACT

The purpose of this project appeared before several discussions of the experiences of students in the first segment of EJA and in which one can contextualize and realize that many of them had no direct or indirect access to technological tools. This audience is already excluded due to socio cognitive variables, have revealed their difficulties in understanding and dealing with simple situations in the use of appliances such as digital TV, computer, mobile, ATMs of financial institutions, which increases the exclusion, so It is of paramount importance to enable digital inclusion. Issues arising from globalization and technological change mainly in EJAT the traditional relations of teaching, because we need to prepare them for work hence the need for diversification of teaching strategies and learning as a way to work beyond words and senses, use of technological resources. Qualification for work and access to information as a motivation tool to adapt not only self-learning, but also in order to care opportunities in areas such as jobs, courses, leisure and culture, ie include digitally therefore socially. Feeling included in all everyday situations for expansion of social rights, it can be said reconstruction of citizen identity.

Keywords: youth and adult education, work, technological tools, learning, citizenship.

SUMÁRIO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE	7
2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	7
2.1 TÍTULO	7
2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA	7
2.3 INSTITUIÇÃO	7
2.4 PÚBLICO DESTINATÁRIO	7
2.5 PERÍODO DE EXECUÇÃO	8
3 AMBIENTE INSTITUCIONAL.....	8
4 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	12
4.1 JUSTIFICATIVA.....	12
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	12
4.3 MARCO TEÓRICO	16
4.3.1 CONCEPÇÃO DE TECNOLOGIA.....	16
4.3.2 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	17
4.3.3 TECNOLOGIA NO BRASIL	18
5 OBJETIVOS.....	20
5.1 OBJETIVO GERAL	20
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
6 ATIVIDADES/RESPONSABILIDADES	20
7 CRONOGRAMA	24
8 PARCEIROS.....	24
8.1 FUNDADOR / EDUCADORES	25
8.2 VOLUNTÁRIOS/ESTAGIÁRIOS	25
9 ORÇAMENTO	25
10 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO.....	25
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
12 REFERÊNCIAS	27

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE:

Nome: Jaqueline Patrícia Fernandes Oliveira

Turma: F

Informações para contato: (61) 8418-4839 / 3385-0112

E-mail: jaquelinepfo@hotmail.com

2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO:

2.1 TÍTULO:

Redescobrimo-se Cidadão por meio da Inclusão Tecnológica e Digital.

2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA:

Local

2.3 INSTITUIÇÃO:

Pra Lapidar, é uma Instituição (Associação Civil) - Casa de Paulo Freire.

Endereço - Quadra 201 Conjunto 20 Casa 07 - Residencial Oeste São Sebastião – Brasília/DF.

Instância Institucional de Decisão: Governo e Secretaria de Educação do DF.

2.4 PÚBLICO DESTINATÁRIO:

O perfil dos educandos da Casa de Paulo Freire é, em geral, analfabeto. Cuja faixa etária é a partir dos 30 anos São pessoas que vieram de outros estados do Brasil em busca de oportunidades. Em geral, o nível socioeconômico é baixo e suas profissões são predominantemente de domésticas, pedreiros, marceneiros, diaristas, babás. Os educandos chegam resistentes e tímidos, suas bagagens de vida são a princípio pesadas, algumas mulheres que só passaram a frequentar a sala de aula, depois que se separaram ou ficaram viúvas, por que antes o marido não permitia; outros que vieram do campo, pois começaram a trabalhar muito cedo e não existiam escolas nas proximidades de suas casas. Alguns são frequentadores de alguma igreja e querem se alfabetizar para poder ler a bíblia, porém, quando vamos trabalhar algum tema polêmico, eles se mostram resistentes e se recusam a participar, porque os dogmas de suas religiões não permitem abordar determinados temas.

Assim, com essas restrições, temos primeiro que fazer um trabalho de resgate, toda aprendizagem é centrada no educando, todas as histórias são fonte de discussão e solução

de problemas – tudo funciona como a Prof. Maria Luiza defende no Fórum Goiano, - colaboração e cooperação – quem sabe mais ensina o outro que ainda não conseguiu, o conceito de educação – educare – nutrir-se, identifica claramente esses educandos.

2.5 PERÍODO DE EXECUÇÃO:

Início (mês/ano): 09/2015 Término (mês/ano): 12/2015.

3 AMBIENTE INSTITUCIONAL:

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”. (PAULO FREIRE)

A Casa de Paulo Freire, localiza-se na cidade de São Sebastião-DF. Conforme entrevista com o Sr. Elias Silva Araújo (Fundador/Presidente da Instituição), no dia 15 de novembro de 2015, ele disse que:

“Originalmente, a Casa de Paulo Freire, chamava-se “Pra Lapidar”, uma Associação Civil, sem fins lucrativos, que surgiu da perspectiva de alfabetizar a população não alfabetizada da comunidade... sonho, utopia que virou realidade... percebeu a necessidade de implantar um Projeto que atuasse diretamente, pois em 1996 era um contingente muito grande”.

Segundo dados da PDAD (Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio) – 2013, Na população de São Sebastião, no que se refere a instrução, destaca-se o elevado percentual daqueles que não estudam (67,66%). Entre os que estudam (32,64%) e (27,13%) frequentam a escola pública. Quanto ao nível de escolaridade, 2,07% declararam-se analfabetos. Esse percentual passa para 4,20%, quando somado aos que somente sabem ler e escrever e aos que fizeram curso de alfabetização de adultos. A população concentra-se na categoria dos que têm o nível fundamental incompleto (40,43%) e ensino médio completo (19,11%). Vale destacar que 1,97% da população de São Sebastião não teve acesso ou não concluiu o ensino fundamental e o ensino médio em idade apropriada, tendo em vista ter frequentado ou ainda frequentar a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Com relação aos cursos de atividades extracurriculares, 96,64% da população declarou não frequentar nenhum, sendo que a informática sequer foi mencionada. É sabido que essas atividades enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, qualificam para o mercado de trabalho e proporcionam oportunidades de escolha para as pessoas naquilo que, de fato, se identificam ou aspiram para suas vidas, além, é óbvio, de ajudar no processo de construção da autonomia.

Um outro fator que merece destaque refere-se ao fato de que a “procura de trabalho” foi o que mais motivou a migração das pessoas para São Sebastião, representando 48,87% dos entrevistados.

Conforme os dados acima, constata-se um ciclo vicioso: sem estudo e sem qualificação para um emprego, restam-lhes os empregos informais, que os remuneram com salários baixos e se pautam em relações mendicantes de direitos. O que, conseqüentemente, afeta a qualidade de vida da família e gera diferentes grupos de excluídos dentro da nossa sociedade.

Partindo então desses dados e conhecendo a história de vida do Sr. Elias, a qual, segundo relatos do próprio, foi permeada de exclusão e marginalização e que passou por um processo de superação. E devido, primordialmente, a sua experiência de educação, ele conseguiu transformar sua realidade e também a de outras pessoas de sua comunidade.

Essa semelhança entre a história do fundador e a identificação com o livro “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 1987.), foi o que motivou o Projeto da Casa de Paulo Freire, fundada em 1999. Elias fez da educação uma filosofia de vida, convenceu sua família a transformar a garagem de sua casa, em sala de aula e com uma estrutura precária (poucas mesas e cadeiras, um quadro de fórmica e giz) iniciou as aulas. Atualmente, a Instituição literalmente é a casa, pois além da garagem se expandiu para outros cômodos.

Elias ainda relata que a busca por educandos era feita aos finais de semana, pois a maioria saía de casa muito cedo para trabalhar. Houve muita resistência, mas Elias e seus colaboradores estavam determinados e conseguiram convencer uns poucos. No primeiro dia, apenas três apareceram e eles acharam que não voltariam, mas voltaram e trouxeram outros. Após dezesseis anos, mais de dois mil moradores foram alfabetizados.

A Instituição não emite certificado oficial, ele é apenas simbólico. Apesar disso, nenhum aluno vai para a rede regular sem que saiba ler, escrever e usar as quatro operações matemáticas básicas. Devido a esse trabalho, em que educador e educando se entregam e se integram, a vaga no sistema público de ensino é garantida, possibilitando a sequência nos estudos e alguns, inclusive, passam a sonhar com uma faculdade.

Essa perspectiva de educar pode ser ilustrada por Rodrigues e Angelim (2010. p.106):

Na perspectiva da não fragmentação de educadores e educandos, proposta por uma visão holística e integral, estes passaram a ser percebidos e valorizados não apenas como seres possuidores de uma corporeidade, de cognições e afetos, de sensibilidade, de valores e de espiritualidade, mas também de uma história de vida.

A visão freiriana, por sua vez, estabelece os procedimentos metodológicos, que obviamente perpassa pela palavra geradora e, para facilitar, vem acompanhada de

ilustrações para que o aluno perceba na imagem o que vai ser estudado. A palavra “ESCOLA” sempre é utilizada no primeiro dia de aula para que entendam sua importância. Além da alfabetização também existem projetos voltados para cultura e geração de renda.

Para enfrentar o desafio de alfabetizar na EJA, Elias diz: “Me motivei para a graduação para aprender mais, para socializar mais com os educandos, a pedagogia me fez entender a importância do trabalho que estávamos fazendo como educador popular”.

Outro fato que merece consideração é a participação de Elias no GTPA - Grupo de Trabalho Pró Alfabetização do DF e Entorno, que agrega todas as Instituições Sociais e Populares que trabalham com EJA (Educação de Jovens, Adultos e Idosos).

Nas palavras de Elias:

“Participo dessa rede desde 1996...sou um facilitador no processo, já estive em muitas reuniões e encontros nacionais, como ENEJAI (Encontro Nacional de Educação de Jovens, Adultos e Idosos), EREJAI (Encontro Regional de Educação de Jovens, Adultos e Idosos), MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens); encontros de rica formação para quem atua com a educação de jovens adultos e idosos. No programa DF Alfabetizado, fizemos a formação dos educadores e educadoras que atuaram no projeto aqui em São Sebastião, e também doamos os temas geradores, usados na Casa de Paulo Freire. Tudo isso de forma voluntária...cadastramos três turmas no projeto”.

Em 2011, quando cheguei na Casa de Paulo Freire, estava receosa com o local que a Faculdade havia escolhido para o estágio da EJA, além da distância, o fato de funcionar em uma casa, mas especificadamente numa garagem, não parecia (a esta pesquisadora) um ambiente que pudesse propiciar a profissionalização e oportunizar aplicação das teorias vistas no ambiente acadêmico. Como nós, professores em formação, poderíamos oportunizar aprendizados sem a disponibilidade de um local propício à prática de ensino?

O primeiro momento naquele local já foi diferente, o acolhimento do Elias e a forma como ele explicou como funcionaria o estágio foi proporcionando certa tranquilidade e despertando curiosidade, principalmente quando o nosso anfitrião falou a respeito da andragogia, termo que ainda não havia sido trabalhado na faculdade.

Durante o estágio, o conhecimento teórico e a práxis, presentes no trabalho do Elias, confirmaram-se como um diferencial enriquecedor dos encontros da EJA.

Acrescente-se a isso o acolhimento dos educandos. Desse modo, após cada regência, fui me encantando mais e mais pelas histórias de vida dos educandos. E, paulatinamente, todos os desafios dos primeiros momentos foram sendo superados e novas formas de práxis foram aflorando. Tudo isso foi de suma importância para minha formação.

Na Casa de Paulo Freire, a metodologia utilizada permite desenvolver a oralidade e a memorização, oportuniza também a discussão de diversas experiências as quais possibilitam estabelecer contextualizações diversas. Durante essas discussões, constatou-se que muitos educandos não tinham acesso direto ou indireto à informática.

Ora, as questões decorrentes da globalização e da tecnologia alteram, principalmente na EJA, as relações tradicionais de ensino, pois precisamos prepará-los para o trabalho, daí a necessidade de se implantar a inclusão tecnológica e digital como instrumento de motivação para a adaptação não só de autoaprendizagem, mas também visando o atendimento das oportunidades em diversas áreas como empregos, cursos, lazer e cultura, ou seja, incluir digitalmente, por conseguinte, socialmente.

Maria Emília Rodrigues (2011), aborda todos os aspectos do currículo que são utilizados na Casa de Paulo Freire. Ressalto aqui alguns pontos: Currículo Crítico, Prática Pedagógica, Tema Gerador.

Considerando, portanto, esses pontos, ressaltaremos, no presente trabalho, o tema gerador como objeto a ser caracterizado. Pois o Tema Gerador permite a elaboração de conceitos, a problematização de situações, além de provocar as informações e os dados para ampliar e superar as análises. A prática pedagógica dialógica articula o conflito das falas, amplia os conceitos, investindo nas possibilidades dos conteúdos, fomentando a criticidade e permitindo uma interação sociocultural.

Nas palavras de Paulo Freire (1996, p.24):

Quando vivemos a autenticidade pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

O Currículo em movimento (2013, p.23), corrobora essa visão:

Cultura, trabalho e tecnologia são eixos que se relacionam entre si e dialogam com os sujeitos educandos da EJA; portanto, devem permear o processo de construção do conhecimento no currículo proposto para a modalidade.

Diante do exposto, tudo vai ao encontro da filosofia, da missão e do sonho da Instituição, qual seja, a de ser um espaço sociocultural que contribui para a formação de cidadãos críticos e participativos.

4 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA:

4.1 JUSTIFICATIVA

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (PAULO FREIRE)

O indivíduo adulto ingressa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para uma preparação não apenas, mas inclusive, para o trabalho; portanto, a qualificação para o trabalho é uma das importantes demandas sociais. Tal importância social do trabalho foi reafirmada em nossa Carta Magna, destacada no artigo 6º, capítulo II- Dos Direitos Sociais. E, configurando-se como um direito do cidadão pressupõe-se um dever do Estado.

Destarte, requer consciência, por parte do trabalhador, desse direito. Faz-se necessário, portanto, que, no processo de alfabetização de adultos, seja trabalhado o conceito de cidadania, de forma ampla e concreta. Consequentemente, formar cidadãos conscientes de seus deveres e direitos (educar para a vida) é tarefa da educação escolar, sobretudo, do ensino público e, impreterivelmente, na EJA.

Espera-se, desse modo, que o presente trabalho possa provocar uma reflexão sobre a importância da Inclusão Tecnológica e Digital, não como solução para os problemas da educação, mas sim, como uma contribuição para a formação de indivíduos cômicos e preparados para uma reinserção social e laboral.

A preparação do cidadão há de se realizar com e pela educação, cujos objetivos são o pleno desenvolvimento da pessoa humana e o fortalecimento do respeito aos direitos humanos, garantindo assim a dignidade e a cidadania.

Contudo, percebe-se que existe uma lacuna muito grande entre esses objetivos da educação e o que de fato acontece no cotidiano das escolas, quer seja por falhas estruturais do sistema educacional (equipamentos, laboratórios, quadras esportivas), quer seja por falta de vontade política (déficit de vagas, de profissionais e salários indignos), urge, assim, a implementação de medidas concretas a fim de garantir uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

As dificuldades de conciliar trabalho e estudo, além de contribuir para a baixa estima (sensação de impotência e de incapacidade intelectual) são obstáculos daqueles que, por muitos motivos, ingressam na EJA ou regime de educação similar. Hoje há também outro obstáculo a eles, a dificuldade em entender a nova linguagem e de lidar com os avanços tecnológicos, tendo em vista que a grande maioria dos educandos ingressa na EJA por força

do mercado de trabalho. A inclusão digital, como resgate da cidadania, tem por finalidade a melhoria na qualidade de vida desses educandos a qual permita o usufruto de ferramentas informatizadas para a reconstrução do conhecimento, a valorização de experiências cotidianas e o estímulo do exercício da cidadania.

A trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos mostra que ela era voltada principalmente para pessoas adultas, que não tiveram oportunidades de estudar no ensino regular no “tempo certo”, entretanto esse público atualmente está cada vez mais diversificado e vem aumentando nos últimos anos, porém o perfil em geral ainda é o de aluno/trabalhador.

Sendo assim, todos os conhecimentos devem ser contextualizados e vistos como forma de enriquecer as aulas. Nessa seara, os saberes populares, trazidos por essa clientela perpassam pelo sentimento e pela intuição. Por isso, a escola deve criar condições para que eles possam reconstruir esse conhecimento de forma sistematizada, ou seja, cognitiva e intelectualmente. Essa pluralidade de saberes, dos quais os educandos são portadores, permite trabalhar e desenvolver suas habilidades.

No entanto, essa modalidade de educação não estava preocupada em conscientizar, somente em atender as necessidades do mercado de trabalho. Atualmente, essa modalidade de ensino vem ganhando novas perspectivas e propostas que contemplem as necessidades dos educandos, pois eles precisam de metodologias apropriadas e atraentes. Todavia, nem sempre o professor consegue aplicar e desenvolver tais metodologias, apesar de saber que a expectativa desse público é diferente.

É preciso, pois, construir um novo modelo educacional que considere esses alunos como agentes desse processo e não meros receptores de um saber acumulado. Nesse sentido: “A nova construção pode só nascer de baixo, enquanto toda uma camada nacional, a mais baixa econômica e culturalmente, participe de um fato histórico radical que envolva toda a vida do povo” (Gramsci apud Semeraro, 2012, p. 62).

Essa visão está profundamente em sintonia com Marx que coloca no centro das práxis o protagonismo do “proletariado”, um conceito que abarca todos os setores explorados pelo capital e submetidos às diversas formas de poder (não só trabalhadores, mas também os diversos oprimidos, colonizados, desumanizados).

Refletindo sobre o pensamento marxista de educação, Dangeville (2011, p.121) afirma que:

A educação que vem de ex ducere, conduzir fora de, promover, abstraindo e autonomizando. Fala de libertação do homem na base de um mundo material, completamente revolucionado para socializar e desenvolver o homem em todos os sentidos, após ter operado a fusão da cidade e do campo, do ensino e da produção, do trabalho manual e do trabalho

intelectual, de tal forma que o homem deixará de ser uma pessoa “privada”, mas um homem social – se o comunismo tem um sentido.

Nessa perspectiva apontada por Marx, novamente percebemos que a educação deve se dá de forma que o desenvolvimento do indivíduo seja integral em todos os sentidos.

Segundo Machado & Rodrigues, (2014, p.383-395):

Contudo, entre outros aspectos, se o educando da EJA não percebe de forma significativa para seu desenvolvimento o ensino trabalhado no espaço escolar, ele não compreenderá a razão de ter que aprender certos conteúdos e, não os compreendendo, tenderá a achá-los pouco atrativos e, conseqüentemente, pode abandonar a escola.

Percebe-se, que os estamos preparando para o mercado de trabalho, muitas vezes instrumental, prático, tecnológico, mas, devido à ausência de uma educação global, esses indivíduos não vão além, por se acharem incapazes, não conseguem também refletir sobre a cultura precedente e a questão da adaptação das mentalidades.

O educando precisa desenvolver competências e habilidades principalmente para que possa ter oportunidades profissionais, porque, em geral, retomam aos estudos nessa perspectiva e, segundo a Lei 9.394/96 art. 39, a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva”, dessa forma, estaríamos dando pleno direito a uma educação de qualidade para essa modalidade.

Apesar da tecnologia estar presente em todos os contextos de nossas vidas hoje, seja no lar, no trabalho e na escola, os alunos da EJA, em especial, os do primeiro segmento, possuem grande dificuldade na utilização das novas tecnologias, eles veem esse instrumento como algo inacessível e sentem dificuldade de adaptação. Havendo, portanto, necessidade que as estruturas e os profissionais de educação possibilitem o acesso físico e propiciem estratégias pedagógicas específicas como forma de facilitar o aprendizado e de estimular o uso das tecnologias como recursos profissionais e até mesmo em seu cotidiano, visando sua autonomia. Conforme Jessika Matos:

Hoje já é possível indicar ao menos três níveis de interatividade que envolva pessoa e tecnologia: “nativos digitais”, “imigrantes digitais” e “analfabeto digital”. Para Monteiro (2009), os primeiros referem-se àqueles que são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Os demais, imigrantes digitais, são aqueles não nasceram na era digital, mas que estão aprendendo a lidar com a tecnologia - ou, em alguns casos, até mesmo se recusando a aceitá-la, e por fim os analfabetos digitais são aqueles totalmente excluídos de qualquer contato com a era da informática. (2011, s.p.)

Fazendo aqui uma articulação com os analfabetos absolutos e os funcionais, é um desafio ainda maior inclui-los digitalmente, pois possuem resistências a utilização de simples

equipamentos eletrônicos, para eles, essa nova era se apresenta num horizonte distante de sua realidade. Como ficam então esses analfabetos digitais e os que não têm acesso por motivos socioeconômicos?

Reiteramos a necessidade de implementação de medidas socioeconômicas de real inserção das classes menos favorecidas de forma a desmarginalizá-las e educá-las e ressaltamos aqui novamente o legado freiriano, qual seja, a possibilidade de uma transformação pessoal e social, capaz de superar a exploração e a opressão a que a classe trabalhadora está sempre sujeita. Hoje acham mais fácil "tampar o sol com a peneira" com uma medida "placebo" a qual não surte efeito transformador imediato, capaz de atender o preconizado na meta 9 do PNE:

Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional – Estratégia: 9.11 - implementar programas de capacitação tecnológica da população jovem e adulta, direcionados para os segmentos com baixos níveis de escolarização formal e para os (as) alunos (as) com deficiência, articulando os sistemas de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, as universidades, as cooperativas e as associações, por meio de ações de extensão desenvolvidas em centros vocacionais tecnológicos, com tecnologias assistivas que favoreçam a efetiva inclusão social e produtiva dessa população.

Nesse sentido, podemos também nos valer de Freire:

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida ao crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirmar a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado. (FREIRE, 2000, p. 101-102).

Pode-se dizer, então, que dependemos da educação, da tecnologia e do desenvolvimento para um processo de transformação na vida sócio-político-cultural do país. Justifica-se, desta forma, o presente trabalho como uma singela contribuição para reflexão e atualização do pensamento freiriano frente às metas do Plano Nacional de Educação. Para tanto, partilhamos nossa experiência com um trabalho desenvolvido junto a uma comunidade carente de recursos, embora sedenta de transformações. E, nesse contexto, a educação se configura como principal veículo transformador e devolutório da cidadania.

4.3 MARCO TEÓRICO:

4.3.1 Concepção de Tecnologia

Quando se pergunta o que pode contribuir para o desenvolvimento de um país, é quase uma unanimidade ter como resposta em primeiro lugar – a Educação. A educação é fundamental para a transformação de um país, pois influencia todos os aspectos sociais.

Freire, pensando a educação integral, defende a capacitação técnico-científica dos educandos, como sendo uma formação para além do caráter técnico, e sim, como um exercício para a cidadania, a partir do uso crítico desses recursos.

Não há como pensar em progresso sem uma população minimamente instruída e capaz de exercer sua cidadania.

Freire, pensando em uma perspectiva pedagógica nos coloca que a necessidade da ciência e da tecnologia já desmitifica a ciência na pré-escola.

Nesse contexto, ao se fazer a articulação entre os aspectos históricos, políticos e culturais com os aspectos especificamente educacionais (metodologias, didáticas, pedagogias), percebe-se uma dissociação do discurso do desenvolvimento com elementos que deveriam ser a prioridade da educação, como a capacidade de fazer com que o sujeito possa se perceber cidadão, ou seja, sujeito da aprendizagem, com teor transformador. Para romper essa barreira entre o discurso desenvolvimentista e a proposta de educação aqui defendida, é preciso refletirmos sobre as concepções de tecnologia, aliadas aos propósitos da educação para a cidadania.

As novas tecnologias transmitem conhecimentos, mas isso implica em um desafio na singularidade da educação mediada e não mediada pelas linguagens tecnológicas de informação e comunicação. Diante do exposto, para que se possa perceber a importância da tecnologia no desenvolvimento do País e conseqüentemente em nossa vida social e laboral precisa-se compreender o que é a tecnologia e quais as suas implicações.

Tecnologia é um produto da ciência e da engenharia que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam a resolução de problemas. É uma aplicação prática do conhecimento científico em diversas áreas de pesquisa.

A palavra tecnologia tem origem no grego "*tekhne*" que significa "técnica, arte, ofício" juntamente com o sufixo "*logia*" que significa "estudo".

A tecnologia esteve presente desde os nossos primórdios, quando os nossos antepassados tiveram necessidade de criar ferramentas que auxiliassem em suas necessidades básicas, como por exemplo, a descoberta do fogo, a invenção da roda e a confecção do arco e flecha. O fato é que a tecnologia evolui juntamente com o ser humano e

atualmente está em todos os segmentos de nossas vidas, culminando na substituição dessa inovação por outra mais elaborada e que veio suprir novas necessidades humanas, reiniciando, assim, o processo.

A evolução da tecnologia trouxe inúmeros benefícios, principalmente na área da engenharia, medicina e informática. Quanto mais o conhecimento científico se expande, mais recursos são obtidos.

Um dos maiores benefícios pode ser visto na indústria, que automatizou tarefas e proporcionou a produção em série, mas que, contraditoriamente, trouxe desvantagens, tendo em vista que uma máquina pode substituir o trabalho de vários homens, e também, através de seus processos, provocou a poluição, causada devido ao excesso de produção de bens de consumo e ao descarte inadequado dos mesmos.

Um país é considerado desenvolvido quando atinge alto nível de desenvolvimento econômico e social. Para que isso ocorra, é necessário superar as dificuldades econômicas, políticas, culturais e sociais, pois estas refletem no mercado de trabalho e consequentemente no nível de renda da população.

Diante disso, pode-se dizer que para haver desenvolvimento, o país necessita de ciência e tecnologia, que só podem ser obtidas por intermédio da educação. A educação, enquanto ponte para a ciência e a tecnologia, deve estar bem alicerçada.

Para que os países possam se desenvolver precisam de tecnologias modernas. Dessa forma, vemos a tecnologia como sinônimo de aparelhos sofisticados, devido às novas manifestações tais como computadores, celulares, televisores, além de muitos outros.

Porquanto, não ter acesso a tais produtos, incute-se no indivíduo a sensação de exclusão desse desenvolvimento.

4.3.2 Tecnologia e Educação

Diante do que vimos é inegável as transformações exercidas pela tecnologia em nossas vidas, saímos do regime escravista direto para o técnico e muitas das pessoas que trabalhavam na lavoura no século XX foram obrigadas a se adaptar ao setor industrial.

Também muitas pessoas perderam seus empregos nas décadas posteriores, sendo substituídas por máquinas.

No novo quadro econômico do país, o mercado precisa de profissionais capacitados para lidar com os novos tempos e muitas pessoas não estão qualificadas para essa nova realidade. Pois ainda reina uma outra realidade para a maioria da população brasileira, a

qual está atrelada diretamente ao baixo índice de escolaridade redundando na disseminação da baixa renda em grande faixa de nossa população.

A globalização se apresentou e inevitavelmente houve uma homogeneização cultural entre os países. Ocorreram também transformações de ordem econômica, política e social. Essas mudanças exigem adaptações e investimentos tanto em tecnologias, quanto em mão de obra especializada para atender as exigências de um mercado cada vez mais competitivo. Por isso, há necessidade de aprendizado constante e de maior democratização dos instrumentos tecnológicos:

Precisamos considerar a democratização do acesso à Internet como peça-chave para que a população possa ter a possibilidade de organizar-se de modo horizontal. Nesse sentido, são de fundamental importância políticas públicas que garantam esse acesso, entendendo-o como urgente, o que implica pensarmos em soluções coletivas e públicas, e não apenas no acesso individualizado nas residências. (PRETTO E PINTO, 2006, p.20)

Nesse contexto, a inclusão digital faz-se necessária para suprir a demanda que a globalização de certa forma impõe. E se por um lado, ela favorece o acesso a novos conhecimentos, diferentes culturas e a socialização dos indivíduos, criando uma nova dimensão cidadã, por outro, ela acentua as desigualdades econômicas. A desigualdade na distribuição de renda afeta a democratização do acesso às tecnologias, pois apenas uma parte da população utiliza esses recursos.

Para que a inclusão digital seja efetiva não se pode pensar apenas em aquisição, mas sim em acesso e domínio dessas ferramentas tecnológicas.

Os impactos da globalização trouxeram um desafio para todos, mas principalmente para os países como o Brasil que, para se tornar desenvolvido, precisa investir, de verdade, em educação, basicamente. Isso geraria oportunidades reais de desenvolvimento profissional, não privilegiando apenas uma parte da população.

Num mundo cada vez mais competitivo, o mercado de trabalho exige um mínimo de manuseio das ferramentas tecnológicas. Eletrodomésticos, informática, smartphone, telefones celulares, caixas eletrônicas, etc., já fazem parte do nosso cotidiano e muitas vezes não nos damos conta da tecnologia que nos envolve. No Brasil, porém, ainda existe uma grande parcela de indivíduos que vivem à margem de praticamente qualquer tecnologia.

4.3.3 Tecnologia no Brasil

No Brasil, conforme Leão (2007, p. 113):

Os primeiros computadores de utilização científica, comercial ou industrial, começaram a chegar ao Brasil na década de 1920,

concomitante com os Planos de Metas. Mas a Informática só avança a partir de 1970, com as Forças Armadas assumindo um papel nitidamente nacionalista, incentivando uma expansão industrial de computadores de pequeno porte, apoiando-se na massa crítica de professores, cientistas e tecnólogos brasileiros.

O maior desafio no Brasil é a elaboração e a implementação de uma política de longo prazo que permita ao desenvolvimento científico e tecnológico alcançar a população e que, efetivamente, tenha um impacto determinante na melhoria das condições de vida da sociedade.

Essa realidade pode ser verificada no depoimento da educanda Raquel Batista, quando relata que “Tudo melhorou, acabou com o sofrimento, hoje a vida é melhor, já usei ferro em brasa e também tive que pagar roupa dos patrões por que eu não sabia olhar se a temperatura do ferro era certa”.

E o senhor Jair de Oliveira, padeiro afirmou que os estudos o ajudaram no manuseio das máquinas as quais utiliza.

Os depoimentos acima nos reportam a Rocha (2002) em que defende que o jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser desafiados para resgatarem a sua autoestima, pois sua "ignorância" proporciona-lhes ansiedade, angústia e "complexo de inferioridade".

Freire propõe o uso do computador, do rádio e da televisão como meios para conhecer o mundo, para refleti-lo, repensá-lo, e que sirvam como fonte de pesquisa, também.

Para o supracitado autor, o que parece fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonologizá-la, nem, de outro, divinizá-la.

Faz-se necessário então, eleger ciência, tecnologia e inovação como uma escolha estratégica para o desenvolvimento do país, o que implica priorizar investimentos nesse setor a fim de recuperar o atraso e avançar aceleradamente na geração e na difusão de conhecimentos e inovações, em especial quanto à sua incorporação na produção. Significa também advogar em prol da importância da ciência e tecnologia como fator de integração das demais políticas de desenvolvimento do Estado.

Apesar do Brasil ainda não ter investimentos suficientes em educação, é notória a capacidade material e intelectual instalada, capaz de promover avanços significativos nas políticas nacionais de ciência e tecnologia e de meio ambiente, uma sociedade civil mobilizada e um potente setor empresarial.

As desigualdades educacionais acabam por influenciar os desequilíbrios sociais, atingindo todas as camadas da população, como no Brasil na década de 70, quando a fase do “milagre econômico” fez com que as massas populares sobrevivessem em condições de miséria.

É, portanto, vital para a sociedade brasileira que a maioria dos indivíduos saiba operar com as novas tecnologias da informação e valer-se destas para resolver problemas, tomar iniciativas e se comunicar. [...] E o lócus ideal para deflagrar um processo dessa natureza é o sistema educacional (BRASIL/PROINFO, 1997, p. 02).

O processo de transformação tecnológico, exige neste momento, uma nova forma de atuar no contexto educacional, e conseqüentemente na forma de agir, pedagogicamente falando, analisar e compreender a realidade.

Não dá para ficar indiferente a todo aparato tecnológico. É de suma importância compreender se os educandos apresentam resistências ao uso dessas ferramentas e desmistificá-las visando a inclusão social e laboral, haja vista que sua presença, utilidade e manejo vão além dos muros da escola.

5 OBJETIVOS:

5.1 OBJETIVO GERAL:

- Possibilitar ao público da Casa de Paulo Freire o conhecimento e a consciência acerca das ferramentas tecnológicas básicas que fazem parte do cotidiano.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre as experiências cotidianas na interação social e profissional em relação às tecnologias.
- Analisar conceitos básicos sobre inclusão digital na construção da cidadania.
- Estimular a inclusão tecnológica e digital como instrumento pedagógico válido no exercício da cidadania.
- Conscientizar a respeito das consequências dos impactos da inclusão tecnológica e digital no meio ambiente.

6 ATIVIDADES/RESPONSABILIDADES:

"O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros."
(PAULO FREIRE)

Ao tratarmos de aprendizagens na EJA, precisamos entender que ela é permeada de fatores culturais, sociais, econômicos e políticos.

Conceber a educação como um direito, significa possibilitar que todos os educandos tenham acesso ao conhecimento e isso num contexto tão plural como o da EJA, é primordial pensar em inclusão, seja ela qual for. Inclusão no sentido de cumprir a sua dimensão política e pedagógica, na promoção da igualdade de oportunidades, ressaltando que o respeito às diferenças é o que pode fazer uma sociedade mais solidária e justa.

A inclusão permite que todos tenham seu espaço na sociedade e isso é um direito, é exercer sua cidadania.

Em *Pedagogia da Esperança* (1992), Paulo Freire enfatiza que, educadores e educadoras progressistas precisam ser coerentes com seus sonhos democráticos, respeitando seus educandos e jamais, os manipulem, mas que os levem a aprender ao aprender a razão dos objetos ou dos conteúdos, através de uma séria disciplina intelectual, que tem sido forjada desde a pré-escola.

Temos visto alguns avanços na EJA nos projetos didáticos, uma das vantagens é articular o contexto vivenciado com o conteúdo e seus objetivos. Outro fator que se tem agregado é a utilização de ferramentas tecnológicas e informatizadas. Essas ferramentas são importantes para a escola, no sentido de ampliar os horizontes dos educandos com o ensino.

De acordo com Jessika Matos (2011), o contato com as novas tecnologias pode favorecer e muito a jovens e adultos no processo de sua reinserção social e laboral. É necessário romper com a forma tradicional de ensino, em especial na EJA e buscar estratégias que proporcionem um ensino-aprendizagem mais significativo. Para isso, a resistência em utilizar a tecnologia precisa ser superada pelos profissionais da educação. A partir disso, usar os recursos tecnológicos em benefício da educação, para fins pedagógicos e então fazer a intermediação do seu uso e dos conhecimentos, proporcionando a inserção tecnológica mesmo que de forma indireta.

Seja o absoluto, o funcional, o tecnológico ou o digital, o analfabetismo deve ser superado por meio da educação, que nos capacita a superar as desigualdades sociais. Dimenstein (1998, p.16), afirma que o analfabeto digital não encontrará lugar no mercado de trabalho em uma sociedade informatizada.

A seguir, propomos oficinas temáticas, auxiliadas pelo educador e por voluntários, visando despertar nos educandos a curiosidade científica e a consciência crítica e, assim, impulsioná-los na busca da autonomia tecnológica e digital para que alcancem seus objetivos pessoais e profissionais:

1ª - OFICINA

Palavra Geradora: - TECNOLOGIA

Objetivo: - Abordar o tema “Tecnologia”; - Explorar e contextualizar a palavra geradora; - Desenvolver oralidade; - Explorar as influências das tecnologias em suas rotinas, casa, trabalho, lazer, cultura.

Recursos: - Aparelho de som; - Gravuras da palavra; - Letras da palavra.

Atividade: Iniciar com conversa com a turma sobre a música "Pela internet" – Gilberto Gil. Quem conhece jangada/barco? Perguntar se já ouviram *web site*, *home-page*, *gigabytes*, *internet*, *www*, *arroba(@)*, *USB*, *facebook*, *whatsapp*, e o que isso tem a ver com a jangada, com boi. Após expor no quadro as palavras e seus símbolos. Problematicar sobre antigas e novas tecnologias. Elaborar um quadro comparativo mostrando as diferenças entre as antigas e atuais tecnologias e destacando a relação de sua utilidade em atividades sociais e laborais. Pedir que escolham alguma palavra relacionada ao assunto para escrever no caderno.

2ª - OFICINA

Palavra Geradora: - TELEVISÃO

Objetivo: Incentivar/problematicar o uso das tecnologias modernas. - Relacionar a interação social com a laboral dos equipamentos utilizados para esses fins; - Discutir as influências positivas e negativas em nossas vidas; - Desenvolver criticidade em relação à programação e às propagandas vinculadas nas mídias.

Recursos: Máquina de lavar, micro-ondas, controle remoto, cafeteira, máquina fotográfica, etc.

Atividade: Iniciar um debate, uma reflexão crítica a respeito do assunto para que os alunos reflitam sobre alienação. Perguntar aos alunos o que eles gostam de assistir e se tudo que assistem é saudável. Problematicar as cenas de sexo, violência e indução de atitudes e consumo. Elencar no quadro quais e quantos produtos eletrônicos temos em casa. Pedir para que eles relatem a importância de tantos aparatos tecnológicos. Discutir o porquê da compra (seu preço, prazos, juros, a vista etc) e se, de fato são úteis. Relacionar como os equipamentos eletrônicos ajudam nas atividades laborais. Levá-los aos cômodos da casa para que possam manusear alguns eletrodomésticos como máquina de lavar, micro-ondas, controle remoto, cafeteira, máquina fotográfica, etc. Após esse “passeio”, com ajuda dos voluntários pedir que digitem a palavra geradora no *notebook* ou *tablet*.

3ª - OFICINA

Palavra Geradora: - CONSUMO

Objetivo: Refletir sobre como a tecnologia invadiu nossas casas; - Identificar quais produtos são realmente necessários. Necessidade de consumo; - Discutir Problemas causados pelo descarte inadequado; - Incentivar o descarte de forma sustentável ou doação dos mesmos.

Recursos: - Computador; - *Data show*; - *Folders* / propagandas de lojas - Lixeiras (coleta seletiva).

Atividade: A aula será iniciada com uma parte do vídeo “A história secreta da Obsolescência Programada”. Prosseguir articulando com o tema da aula anterior sobre a influência que as propagandas exercem no público. Estimular e incentivar um debate sobre como a manipulação atinge nossas relações de consumo, como por exemplo, os aparelhos de última geração. Questionar se já se sentiram lesados em alguma compra, se conhecem o PROCON, e o código de defesa do consumidor. Após será distribuído para os educandos folders/propaganda de lojas para que eles recortem de acordo com a intenção de adquirir o produto. Discutir os problemas causados pelo descarte inadequado. Em seguida incentivar descarte das figuras de forma sustentável em lixeiras de coleta seletiva. Feito isso, discutir sobre os valores sociais coletivos – dever ético, moral, e político de preservação do meio ambiente.

4ª - OFICINA

Palavra Geradora: - MÁQUINA

Objetivo: - Utilizar e reconhecer letras/números no teclado; - Desenvolver escrita e leitura; - Desenvolver habilidades cognitivas (aprender, compreender e integrar as informações de uma forma significativa). Digitar palavras para enviar mensagens nos próprios celulares, *notebook*, *tablets*.

Recursos: - *Data show*, *Notebook*, *Tablets*, Celulares.

Atividade: Problematizar: quando surgiu o computador? Para que serve? Quem já “mexeu”? Quem tem em casa? Seus filhos/sobrinhos/amigos usam? Quanto custa? Quais os tipos? O que é um banco? O que é um caixa eletrônico? Para que serve? Quem trabalha lá?

Apresentar no *Datashow* algumas imagens sobre pessoas em terminais bancários, uso de celular, uso de equipamentos eletrodomésticos, a fim de identificarem os contextos em que se insere a tecnologia. Após a exploração oral, propor, com ajuda dos voluntários, a

formação de duplas para utilização dos *notebooks*, *tablets* e celulares para acessar sites de pesquisa e bancário, e editor de textos para o envio de mensagens (oi – Boa Noite) e fotos. Para finalizar, realizar a socialização da experiência que foi “navegar”.

5ª - OFICINA

Palavra Geradora: - VOTO

Objetivo: - Identificar letras e números; - Utilizar *notebook*, *tablets* para acessar site do TRE (Tribunal Regional Eleitoral); - Conscientizar para cidadania; - Refletir sobre emancipação; - Compreender direitos e deveres; - Analisar conceitos sociais.

Recursos: *Notebook*, *Tablets*.

Atividade: Aula expositiva dialógica. Primeiramente perguntar em quais cargos votamos? Quantos políticos existem no Brasil? O que você acha da política? Existem políticos no bairro? Você os conhece? Quem pode votar? Quantos não votaram, se já regularizaram situação eleitoral. Se tiveram dificuldades na urna eletrônica. - Verificar quem cadastrou a biometria, explicar o que é e para que serve. O que é o TRE?. Sugerir que haja uma eleição, onde os educandos serão os candidatos, discurso, campanha e simulação do voto. (<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/simulador-de-votacao/simulador-eleicao-2014-2-turno>).

7 CRONOGRAMA:

Setembro / Outubro 2015 - Reunir com os educadores, voluntários e estagiários para apresentar o projeto de intervenção e garantir a melhor forma de conduzir as oficinas. Propor o roteiro constando os objetivos, os conteúdos que serão tratados, assim como as estratégias e os materiais necessários.

Outubro / Novembro 2015 - Uma vez por semana (quinta-feira), conforme o cronograma das oficinas.

8 PARCEIROS:

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!” (PAULO FREIRE)

8.1 FUNDADOR / EDUCADORES:

- Por viabilizar o projeto
- Material didático
- *Data show* e demais equipamentos
- Utilização dos cômodos da casa além dos espaços destinados as salas de aula.

8.2 VOLUNTÁRIOS/ESTAGIÁRIOS:

- Disponibilização de tempo e de equipamentos pessoais para uso nas oficinas.

9 ORÇAMENTO:

Sem gastos previstos.

10 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO:

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”. (PAULO FREIRE)

A avaliação será realizada de forma contínua, após analisar o desempenho dos alunos em cada momento, verificando ao final de cada oficina se o objetivo foi atingido parcial ou plenamente.

Os educandos serão acompanhados permanentemente nas atividades do dia-a-dia sendo observadas as habilidades e as competências adquiridas. Durante o projeto, mapear as dificuldades e assim poder planejar novas intervenções.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Considerando o perfil da maioria dos educandos da Casa de Paulo Freire percebe-se que eles têm um outro grande desafio: a inclusão tecnológica e digital. Diante disso é fundamental possibilitar a esse público algumas habilidades necessárias para uma utilização básica das ferramentas tecnológicas, pois, todos os ambientes que vivemos estão permeados de tecnologias.

Esse público não busca dominar a lógica de todas essas tecnologias, mas ao menos participar, incluir-se, para sentir-se atuante em seus afazeres diários, nas suas relações com a vida social, laboral, ou seja, em todos os segmentos de suas vidas.

Dentro dessa realidade, é fundamental o compromisso da escola e do educador em propiciar uma abordagem pedagógica que possibilite um avanço gradativo na forma de fazer e atuar para que numa etapa seguinte seja utilizada a inclusão tecnológica e digital contextualizada e integrada. Assim sendo, as oficinas têm o intuito de articular sentidos, palavras e novas tecnologias, de forma que contribuam cognitivamente e socialmente.

As atividades nas oficinas buscam favorecer o domínio das ferramentas informatizadas no cotidiano contribuindo na motivação para aprender, nos vínculos afetivos e sociais e na integração como indivíduo produtivo, ou seja, para a redescoberta da autonomia e o exercício da cidadania.

12 REFERÊNCIAS:

ABICALIL, Carlos Augusto. **O Plano Nacional de Educação e o Regime de Colaboração** (p. 249-263) In Retratos da Escola / **Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (ESFORCE)** – v.8, n.15 jul. /dez.2014. Brasília: CNTE, 2007. Dossiê PNE 2014 -2024: **Desafios para a Educação Brasileira**. (Disponível em: http://ctareja.fe.unb.br/ava2014/pluginfile.php/301/mod_page/content/3/retratos_da_escola_15_2014.pdf). Acesso em: 10 setembro 2015.

BARROS, Jessika Matos Paes de. **As Novas Tecnologias e a Educação de Jovens e Adultos**. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 28 nov. 2011. (Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.34639&seo=1>). Acesso em: 03 setembro 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Proposta de Diretrizes do Programa Nacional de Informática na Educação**. Brasília: PROINFO, 1997. (Disponível em: <http://www.proinfo.gov.br/>). Acesso em: 10 setembro 2015.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Atualizada até a Emenda Constitucional nº 88, de 7 de maio de 2015 - São Paulo, agosto de 2015. (Disponível em: http://www.imprensaoficial.com.br/PortallO/download/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf). Acesso em: 01 outubro 2015.

CURRICULO EM MOVIMENTO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – Livro 7 – Fevereiro de 2013. (Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/7eja.pdf). Acesso em: 07 julho 2015.

DANGEVILLE. Roger - **MARX e ENGELS: CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 3, n. 2, p. 109-134, dez. 2011. (Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/marx_e_engels_dangeville.pdf). Acesso em: 01 agosto 2015.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Professor tem dificuldade em mudar o estilo de aula**. Revista Nova Escola, São Paulo, Março/1998, Ano XIII, nº 110, p. 15-16.

ANGELIM, Maria Luiza Pereira; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. Evoluindo e gerando conhecimento. In: SOUZA, Amaralina Miranda de. FIORENTINI, Leda Maria Rangearo; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (Orgs). **Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Editora da Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/livros-publicados-pela-catedra/educacao-superior-a-distancia/livro-educacao-superior-a-distancia-comunidade-de-trabalho-e-aprendizagem-em-rede-ctar>. Acesso em 16 nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**, São Paulo – Paz e Terra – 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido** - Rio de Janeiro – Paz e Terra – 1992.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP. (Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_da_esperanca.pdf). Acesso em: 10 junho 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra – 1987. (Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf). Acesso em: 20 setembro 2015.

LEÃO, Igor Zanoni Carneiro. **Breve esboço da tecnologia no Brasil**. Economia & Tecnologia - Ano 03, Vol. 08 – p. 113 – Jan./Mar. de 2007 (Disponível em: [file:///C:/Users/CCB/Downloads/29504-108145-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/CCB/Downloads/29504-108145-1-PB%20(1).pdf)). Acesso em: 02 setembro 2015.

MACHADO, Maria M. & RODRIGUES, Maria E. **A EJA da próxima década e a prática pedagógica do docente**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 8, n. 15, p. 383-395, jul. / dez. 2014.

PDAD. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/S%C3%A3oSebasti%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2015.

PRETTO, Nelson de Luca; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan. / abr. 2006. 19. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>). Acesso em: 08 outubro 2015.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro - **A Construção Curricular e a Organização do trabalho na Educação de Jovens e Adultos: A Realidade do Educando como Ponto de Partida** - 2011. (Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/Curriculo_EJA_04_11_2011_Projeto_a_II.pdf). Acesso em: 10 agosto 2015.

SEMERARO, Giovanni – **Subalternos e Periferias: Uma Leitura a partir de Gramsci** - Germinal: Marxismo e Educação em Debate, local, v. 4, n. 1, p. 58-69, jun. 2012. (Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9404/6842>). Acesso em: 02 agosto 2015.

SIGNIFICADO DE TECNOLOGIA. (Disponível em: <http://www.significados.com.br/tecnologia-2/>) >Acesso em **SIMULADOR DE VOTAÇÃO.** (Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/simulador-de-votacao/simulador-eleicao-2014-2-turno>). Acesso em: 02 setembro 2015.

VISIONAMENTO DE PARTE DA EXPOSIÇÃO DE MARIA LUIZA PINHO PEREIRA NO XIII ENCONTRO DE EJA DO FÓRUM GOIANO, em 29/05/2015. (Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/node/2023>). Acesso em: 20 setembro 2015.